

## Educação popular do campo e envelhecimento nos movimentos sociais

### Resumo

O ensaio é produto de uma pesquisa de Mestrado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de uma das autoras, e também da prática social desenvolvida pelas autoras. Nasceu de uma necessidade de estudar e pesquisar os idosos e idosas dos movimentos sociais do campo. O que nos moveu foi a possibilidade de dar-lhes visibilidade. A questão do envelhecimento aparece dentro do contexto que se insere na sociedade atual. O objetivo é entender que práticas educativas formam os idosos/as do campo dos movimentos sociais. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, sete na Dissertação e observações da vida cotidiana dos sujeitos Sem Terra<sup>1</sup>. O foco desse trabalho está voltado para as categorias analíticas de “educação popular do campo” e “envelhecimento”. Uma análise informaçoes demonstra que todos os sujeitos participaram ativamente da construção do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Desta forma, o envelhecimento também no campo coloca o desafio para o MST de encontrar espaços adequados para seus membros idosos continuarem na luta social.

**Palavras-chave:** Educação Popular do Campo; Movimentos Sociais do Campo; Envelhecimento; MST e Prática Educativa.

**Katiane Machado da Silva**  
rosagramsci@gmail.com

**Elen Machado Tavares**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
elen.tavares@gmail.com

**Carmen Lucia Bezerra Machado**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
rosagramsci@gmail.com

---

<sup>1</sup> Sem Terra maiúsculo é a designação para sujeito que compõe o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

## Introdução

O ensaio é produto de uma pesquisa realizada no Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) de uma das autoras, e também de prática sociais desenvolvidas .

Nasce da necessidade de estudar e pesquisar a formação dos idosos e idosas dos movimentos sociais do campo, e por entender que o processo de formação humana é permanente e acontece ao longo da vida. Este texto discute o envelhecimento no MST<sup>2</sup>. O objetivo é entender “*Que práticas educativas formam os idosos e idosas do campo dos movimentos sociais?*” .

O método utilizado busca ser coerente com o materialismo histórico dialético. É um estudo de caso de natureza qualitativa. Na pesquisa foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas, em número de oito e as observações da vida cotidiana dos sujeitos Sem Terra. O foco desse trabalho está voltado para categorias analíticas que são “*Educação Popular do Campo*” e “*Envelhecimento*”.

Organizamos este texto da seguinte forma: algumas considerações do por que pesquisar envelhecimento no campo e por que estudar idosos e idosas dos movimentos sociais populares. Em seguida, metodologia, com o tema Mulheres e Homens em Movimento, seguido as referências que nos deram embasamento teórico, apresentando as categorias específicas “*educação popular do campo*” e “*envelhecimento*” e com a inquietação: “*Qual é o trabalho e papel dos idosos/as na Educação Popular do campo?*” E, por fim, fazemos as considerações e as referencia deste ensaio.

## Por que pesquisar envelhecimento no campo?

A curiosidade pelo envelhecimento iniciou durante a pesquisa de uma das autoras em sua graduação, no período de 2002 a 2005; no entanto, ao desenvolvermos a

---

<sup>2</sup> O MST é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Surge no final da década de setenta do século XX um processo de retomada da luta pela terra no Brasil. Este é fruto de um conjunto de lutas históricas dos trabalhadores e assim, em 1984 se constitui nacionalmente como um Movimento Social autônomo, de massa, de caráter popular, sindical e político, que luta por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade. (MORISSAWA, 2001, p.153). Para melhor conhecer ver MORISSAWA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

pesquisa, descobrimos que o envelhecimento está presente em nós ao longo de minha vida, e no conjunto das mais diferentes relações sociais que estabelecemos. Com isso, fomos entendendo e modificando o que pensávamos sobre o envelhecer.

O que nos moveu a fazer este ensaio é buscar dar uma maior visibilidade aos idosos/as dos Movimentos Sociais do Campo, procurando entender como estes se formam, partindo de um pressuposto, de que eles estão inseridos em uma realidade cheia de contradições; nossa intenção é compreender de que forma esta realidade contribui para a formação humana desses idosos do campo.

### Por que estudar idosos dos movimentos sociais do campo?

[...]Eu tenho uma alegria comigo, por que tudo mundo me gosta, por que eu sempre falo assim, que meu coração é coração de mãe sempre cabe mais um. A pessoa que chega em mim pode ser novo, pode ser uma pessoa de idade, eu caçou, eu gosto de brinca com todas as pessoa, moças que me dá atenção, eu gosto, pode se gente nova pode se gente veia, prá mim é uma alegria, tá caçoando, dando risada. Eu brinco, conto piada, conto história, mas eu não escolho brincadeiras, a brincadeira não tem importância que a gente brinque, não cai pedaço, mas eu gosto de brinca.” (Maria- 68 anos)

Os estudos que realizamos até agora sobre os idosos e idosas e envelhecimento são algo novo no MST. Os Movimentos Sociais estão passando por um processo de envelhecimento. Se colocarmos em datas, foi a partir de 2002, no curso de Pedagogia da Terra<sup>3</sup> – Convênio entre o Instituto de Capacitação e Pesquisa na Reforma Agrária

---

<sup>3</sup> Curso de Pedagogia da Terra é um curso que iniciou em 2002, em parceria com o Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Com duração de 4 anos, divididas em 8 etapas que funcionou dentro do Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), em Veranópolis/RS. Há educandos(as) que fazem parte dos movimentos sociais da Via Campesina (articulação dos movimentos sociais do campo, movimento indígena e mulheres trabalhadoras) e Movimento dos Trabalhadores desempregados (MTD). O curso funciona através da pedagogia da alternância, ou seja, tempo escola e tempo comunidade. Tempo escola, que é o tempo que acontece no Instituto (em Veranópolis - RS), momento que acontece o estudo das teorias e a reflexão sobre a prática. E tempo comunidade, que é o tempo em que os educandos são inseridos em suas comunidades e passam a ser acompanhados pelos Movimentos ao grupo que cada um e cada uma faz parte. É a continuidade do processo de formação, em que se mantém o enraizamento com a comunidade ou coletivo de origem, participando do Movimento. É o momento de experimentação,

(ITERRA) e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), que se iniciou um debate mais intenso. Esta pesquisa teve como eixo central: “*Quem são e Como se formam/se educam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores*”, para que, com isso, os movimentos sociais populares do campo pudessem conhecer quem é a sua base social e como está acontecendo o seu processo de formação humana. A decisão por este tema foi feita pelo colegiado<sup>4</sup> da Via Campesina. Assim, o MST, que faz parte desta articulação, participou da pesquisa e apontou uma necessidade de aprofundar a temática do envelhecimento, desde então viemos estudando esse fenômeno social.

Camarano (2002), em seu estudo sobre o Envelhecimento da população brasileira traz esta contribuição demonstrando, a partir de dados demográficos, estas transformações.

Nos últimos anos, a realidade em relação ao envelhecimento populacional vem se modificando. Observando o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2000, se constata uma mudança nos números no que se refere ao campo; de acordo com o Censo de 1991, era de 23,3% e em 2000, isso cai para 18,6%. Sendo que o grau de urbanização para a população idosa acompanhou a população total em 81% em 2000. (IBGE, 2000).

O envelhecimento populacional é, hoje, proeminente fenômeno mundial. Isso significa um crescimento mais elevado da população idosa com relação aos demais grupos etários. No caso brasileiro, pode ser exemplificado por aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional de 4%, em 1940, para 9%, em 2000. (idem, 2002, p.58)

Camarano (ibidem,2002) demonstra que a sociedade brasileira vem sofrendo com estas modificações, pois não está preparada para este contingente de idosos. Isto, num

---

socialização e pesquisa de campo, de por em prática as teorias apreendidas no curso, sendo orientadas pela escola, que este está organizado dentro desta alternância.

4 Instância criada para a coordenação geral do convênio ITERRA/UERGS, que era composta por estudantes das turmas conveniadas com a UERGS, ou seja, ITERRA e FUNDEP (Fundação de Desenvolvimento Educação e Pesquisa da Região Cealeiro/RS), composta pelos movimentos sociais e Pastorais.

futuro próximo, segundo ela, poderá requerer estudo, e muito trabalho tanto do Estado como da sociedade civil organizada.

Contudo, sabemos que pesquisar e estudar as relações que estes estabelecem no Campo é de suma importância para compreendermos a totalidade de ser idoso e idosa tanto na cidade quanto no campo, mesmo que a maioria esteja na cidade. Assim, muito mais do que estudar uma faixa etária é importante conhecer e saber quem são e como se formam estes sujeitos idosos e idosas do campo, como eles vivem, como estes reproduzem sua existência, como estes guardam a nossa memória<sup>5</sup>, a história, enfim, como estes se forjam a partir das relações sociais, em especial, a relação do trabalho como uma matriz educativa do sujeito Sem Terra.

“Ser Sem Terra hoje é bem mais do que ser trabalhador ou trabalhadora que não tem terra, ou mesmo que luta por ela, Sem Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como uma condição social: sem - terra, e aos poucos não mais como circunstâncias a ser superada, mas sim, como uma identidade de cultivo”...Esta identidade fica mais forte à medida que se materializa em modo de vida, ou seja, que se constituem como cultura, e que projeta transformações no jeito de ser das pessoas e da sociedade, cultivando valores (humanistas e socialistas) que contrapõem aos valores (anti-valores) que sustentam a sociedade atual. (MST, 2004, p.5).

Por isso, estudar os idosos e idosas também nos remete a estudar a construção deste sujeito e de como acontece seu processo formativo, seja por meio da luta social, seja por sua própria história. Enfim, conhecer melhor e poder projetar alternativas

---

5 Memória para (IZQUIERDO, 2006) é aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição também é chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. Só lembramos aquilo que gravamos. Podemos afirmar que somos aquilo que recordamos, literalmente. Não podemos usar como base para projetar nosso futuro aquilo que esquecemos ou que nunca aprendemos. O acervo de nossa memória faz com que cada um de nós seja o que é, com que sejamos, cada um, cada indivíduo, um ser para qual não existe outro idêntico. O passado contém o acervo de dados, único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando o transitório presente em que vivemos, rumo ao futuro. O conjunto das memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser. O acervo de memória de cada um nos converte em indivíduos. Porém esta não se constrói só e necessário que o ser humano esteja em relação com o mundo, com as pessoas. A identidade dos povos, dos países, das civilizações provém de suas memórias comuns, cujo conjunto denomina-se de história.

possibilitando um melhor envelhecimento, com vida digna e que estes possam viver plenamente este processo de uma perspectiva justa.

É interessante estudarmos isto, justamente para percebermos quais são os elementos que agregam e desagregam estes idosos/as do Campo. E como este processo os transformam, os recriam, ou simplesmente os conservam com costumes, e como transmissores e produtores de conhecimento.

Logo, no texto que segue conceituamos educação popular do campo e envelhecimento e sua importância para entendermos a formação dos sujeitos idosos/as dos movimentos sociais do campo.

### Mulheres e homens em movimento

Este percurso nos desafiou a utilizar como princípios orientadores o Método dialético, que é uma das formas de analisar a realidade.

O método [...] caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história da humanidade. [...] significa refletir sobre a realidade partindo do empírico (a realidade dada, o real aparente, o objeto assim como ele se apresenta à primeira vista) e, por meio de abstrações (elaborações do pensamento, reflexões, teoria), chegar ao concreto: compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto, objeto síntese de múltiplas determinações, concreto pensado. (PIRES, 1997.p.5)

Neste sentido Marx e Engels abordam na Ideologia Alemã o que estamos querendo dizer.

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras não partimos do que os homens dizem, imaginam, representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; partimos dos homens em sua atividade real, é a partir do seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital I (MARX e ENGELS, 2007, p.19).

A partir disso, refletimos como se construíram os idosos e idosas no MST, como este movimento com sua prática social coloca limites e possibilidades para esses sujeitos . E, como eles experienciam os espaços dentro do Movimento.

Para isso, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa com oito entrevistas com idosas em dois assentamentos da antiga Fazenda Anoni, construindo um estudo de caso por entender este como “[...] uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente.” (TRIVIÑOS, 1987, p.133). Neste sentido, esta forma de pesquisa colabora com o que pretendemos, ou seja, entender a totalidade a partir da parte compreendendo que prática social forma os idosos e idosas do MST.

Trabalhamos com idosos e idosas que construíram o MST e sua história, em especial, um grupo de assentados<sup>6</sup> que foram protagonistas na fundação e construção do Movimento, que é o MST, durante a década de 1980. Este grupo de idosos e idosas fizeram parte do acampamento da maior ocupação de terras do Rio Grande do Sul, a Fazenda Anoni.

O foco de pesquisa foram os idosos e idosas assentados/as dos Assentamentos Novo Sarandi em Sarandi/RS e 16 de Março em Pontão/RS, Região Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Escolher esses dois Assentamentos, tem base nas diferentes formas de organização social individual e coletiva e por que nos dois vivem idosos/as que ajudaram a criar e construir o MST, fazem parte da história do Movimento. Estes participaram dos diferentes processos que constituem o MST, a partir de diferentes formas de organização social do trabalho, das quais localizamos no mínimo três, que fizeram parte dos critérios de escolha desses sujeitos pesquisados: a associação, a cooperativa (com trabalho coletivo ou cooperado) e o trabalho individual.

Num primeiro momento trabalhamos com as experiências de vida destes sujeitos que ajudaram a construir a história do MST, suas histórias, por isso, nosso ponto inicial é a história oral.

---

6 Assentado é o sujeito que reside em uma área de assentamento de Reforma Agrária.



A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito que seja utilizada. [...] a história oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo como a finalidade da história. [...] pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 2002, p.22)

Este autor afirma que; “a experiência de vida das pessoas de todo o tipo possa ser utilizada como matéria – prima, a história ganha uma nova dimensão” (idem, 2002, p.25). Com estes pressupostos foram coletados os dados que dão origem a este texto.

Seguindo o percurso desse ensaio abaixo desenvolveremos as referências que nos deram embasamento teórico, apresentamos as categorias específicas “*educação popular do campo*” e “*envelhecimento*”.

## Educação popular do campo e envelhecimento

Nos ancoramos na concepção de educação popular que perpassa os Movimentos Sociais do Campo, essa parte de um pressuposto de educação como processo de formação humana. Ela tem sua matriz na pedagogia marxista e na educação popular.

O envelhecimento é o resultado de experiências, que pode servir como fonte de conhecimento para si mesmo e para os outros. Examinemos inicialmente o primeiro processo.

## Educação Popular do campo

Denominamos educação popular do campo para dar ênfase em um processo humano exercido pelas classes populares. Um movimento exercido por seres sociais organizados dentre uma perspectiva de luta social de classes.

Nesse quadro de constituição, consolidação e atualidade da Educação Popular é que se configura a Educação do Campo, que, como dito, tem sua gênese nos questionamentos, nas proposições e no fazer acontecer dos povos do campo, seja na luta pelo direito à educação ou na garantia desta através das diversas experiências educativas, que se fazem no contexto da luta de classes. (VALDÉRIO et al, 2012, p 2)



Uma outra matriz é a pedagogia marxista que tem sua concepção na omnilateralidade. Esta concepção parte do princípios educativos, entre os quais destacamos o trabalho como uma categoria fundamental. O trabalho, nesta perspectiva, é desenvolvido desde a discussão do Livro *O Capital* (1998) em Marx, como princípio fundante do humano, e desenvolvido em sentido pedagógico por Moisey Pistrak na Escola Comuna, que se desenvolve com base no trabalho, na auto-organização e na atualidade. Tais princípios se desenvolvem e são experienciado pelos mais diferentes educadores sociais do mundo no século XX, e dentre esses teóricos nasce uma compreensão da construção de uma *Educação Pra além do Capital* (2005), desenvolvida por István Mészáros.

Esta compreensão está em nosso horizonte político pedagógico, numa perspectiva de uma *Educação Para Além do Capital*, no sentido que fundamentamos com Mészáros (2005), ou seja: a educação é uma das ferramentas para transformar esta visão de mundo constituída no capital, mas ela não nascerá nova, ela deve ser gestada dentro do velho modo de produção.

Por isso, não podem ser formais nas mudanças, mas essenciais, ou seja, possibilitar o sujeito a aprofundar a leitura de si e do mundo, contribuir no desvelamento da sociedade e dos homens e mulheres sendo o mais concreta possível. A educação para além do capital deve ser para a vida. Uma educação integral. Que eduque os sujeitos nas suas diferentes dimensões.

Outra referência que fundamenta a educação dos movimentos sociais do campo é a contribuição da Educação Popular no Brasil que se gesta aproximadamente a partir de 1950, aqui representada nas obras de Paulo Freire.

Para Paulo Freire (2001), toda educação é um ato de político, é uma forma de intervenção no mundo. Vai dizer que somos seres com a vocação ontológica de ser mais. Trabalhará que a história é feita pelos homens, que nada é determinado. A história é possibilidade e somos frutos dessa história, ou seja, somos sujeitos históricos. Seu objetivo é formar sujeitos históricos para a transformação social.

As contribuições de Paulo Freire (1987), integram à proposta metodológica de educação dos Movimentos, uma de suas matrizes de trabalho educativo é a Pedagogia do Oprimido, no conjunto de práticas educativas desenvolvidas no MST procura aproximar dessa perspectiva.

Entender essa conceituação de educação é fundamental para poder discutir sobre o MST. Portanto, o princípio orientador da prática tem se voltado para a educação popular. Esta é entendida como: “[...] um instrumento de contribuição imediata a uma efetiva participação popular em processos de transformação da sociedade classista e opressora [...]”. (BARREIRO, 1980, p. 28). Portanto,

É uma prática que se dá, necessariamente, junto às classes subordinadas. Ela tem uma meta: a transformação. Trata-se da transformação das condições materiais e das condições simbólicas ou subjetivas que produzem e reproduzem, cotidianamente, as relações de subordinação entre as classes que concentram o capital econômico e político e as classes que são destituídas desses capitais. [...] (CAMP, 2007, p.13).

Constituindo-se como:

Um processo educativo que se vincula de forma estreita à ação organizada das camadas populares, visando contribuir para a construção de uma sociedade em e de acordo com os seus interesses. Ela é, portanto, um processo criativo, sistemático e intencional. (PALUDO, 2001, p.100).

Partindo das ideias acima, não é o movimento social que educa, mas o próprio movimento que o movimento social propicia que educa. Logo, é uma matriz formadora, a qual contribui para a educação e emancipação dos sujeitos que dele fazem parte.

Esta experiência produz aprendizados individuais e coletivos que contribuíram e contribuem para o avanço desse Movimento. Isso se dá diretamente ligado a algo central nessa formação e educação que é a luta social que produz o sujeito e que o sujeito produz por estar em movimento. Esta luta está intimamente ligada a alguns elementos importantes que fazem parte da constituição desse movimento social, que é todo o jeito pedagógico que este produz nas suas formas de enfrentamento. Lutas estas que não estão isoladas, mas que são necessidades individuais que se juntam coletivamente.

É no fazer das lutas sociais que se abrem as possibilidades de ensaiar outras relações sociais que vão produzindo o processo histórico que pode ou não constituir um “novo” ser humano. Por isso, podemos dizer que um sujeito que passa por uma organização social como o MST se transforma ou não. O que quero dizer com isso? Que este idoso e idosa que faz parte dessa organização social constroem uma leitura de mundo o que poderá levar estes seres sociais se constituir sujeito de sua história.

Nesse desvelamento do mundo os sujeitos aprendem que ocupar nada mais é do que tomar de volta um direito roubado. Isso projeta mudanças profundas no modo de pensar e agir das pessoas, elas passam a ver que sozinhas não têm força de transformação, mas que juntas há possibilidades.

Estes sujeitos aprendem que a rebeldia organizada é um importante elemento para mudar o que parece estar dado e, assim, se enxergam como herdeiros históricos da luta do povo. Com isso, em cada ação do MST, em cada processo que este se organiza, junto está o acúmulo de muitas experiências da luta popular e um conjunto de situações educativas que tem como principal objetivo formar a consciência.

[...]agora que a gente acertou o passo do Movimento de verdade. Por que a gente sempre lutando. Por que quem luta é o Movimento, a luta é do Movimento, tá lutando direto, não tem quem não diga que não tá no Movimento. Todo mundo tá no Movimento, tens uns que nem sabe que tá no Movimento. Luta tá no Movimento, nois agora sabemo que é o Movimento, sabemo o nome que é o MST, a essa luta prá nois,”(Maria-66 anos)

Enfim, a realidade que não é linear, nem estática, e está em movimento como o próprio movimento, O MST intenciona uma nova leitura de mundo, construindo a possibilidade de se compreender como sujeito de inacabamento e inconcluso, sujeitos contraditórios como diz Paulo Freire (1987) nem sempre é uma tomada de consciência, mas o processo experienciado faz com que o sujeito comece a entender o velho e ensaia o novo. Esse novo não acontece amanhã, nasce todos os dias, a partir de cada prática social que o sujeito coletivo produz.[...] *o que foi conseguido e sabido muitas coisas foi*

*através do Movimento. [...] Tudo essas coisas que a gente descobriu. A descoberta de vários direitos foi com o Movimento. [...] (Pedro – 60 anos)*<sup>7</sup>

Nesse sentido, as vivências de um acampamento contribuem de maneira expressiva para que os sujeitos se sintam pertencentes ao um projeto coletivo. Esse espaço, tensiona o cerne da hegemonia vigente: O individualismo exacerbado, a divisão social do trabalho, a apropriação privada da riqueza.

[...] Foi bonito, tudo mundo se organiza. [...] Daí vinhem. Era muito sigilo, sigilo, ninguém podia saber a hora o minuto nada, nada.[...] Nós tinha que subi tudo nas costas, só a troxa, o principal, cobertor, um colchão enrolado, dois travesseiro, umas panelinhas o que dava só para três dia nê só, e daí depois tinha que se esparrama, dá conta do recado, e ali em três dia, male mal o que você podia fazer se organiza nê. Comer aquilo que levou, alguns diziam que não era para levar nada, só levar um pão alguma coisa.. Daí vinhem [...] Daí entremo. Grito e grito. Meu Deus do céu que coisa mais linda. Nós tinha uma força imensa. Tu sabe o que é o povo quando se junta **tudo**.(fala num tom de muita emoção, (Joana- 58 anos )

Esse processo de aprendizagem vivenciado no acampamento, que denominamos “conversões provisórias”, que acontece na prática dos Sem Terra, pode servir para novas práticas, e portanto, novas subjetividades.

É de suma importância entender essa dimensão da formação humana na constituição do Ser Sem Terra. É fundamental para compreendermos como este Movimento se mantêm vivo e presente na vida dos sujeitos que o constituem. Compreender o papel que este assume nesta sociedade que vai além de educador coletivo, mas como um inspirador de novas práticas sociais.

## Envelhecimento

[...] não é um processo homogêneo [...], mesmo em cada indivíduo. Há sempre partes, órgãos ou funções do corpo que se mantêm muito mais ‘jovens’, ‘conservados’, sadios, do que os outros. [...] do mesmo modo

---

<sup>7</sup> A identidade das entrevistadas e entrevistados foi mantido sob sigilo, conforme o Termo de Consentimento livre e esclarecido que fora assinado. Neste intuito usamos nomes populares e comuns do cotidiano de nossa sociedade.

que no terreno dos sentimentos e das representações, velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações. (...) a velhice é uma identidade permanente e constante.(BARROS,1998, p. 228)

O envelhecimento é uma fase tão importante quanto qualquer outra, devendo ser vivida bem e tão intensa quanto às demais. Assim como as demais trazem aprendizados para todas as fases de vida, essa é o resultado de experiências, que deve servir como fonte de conhecimento para si mesmo e para os outros. Assim, “Envelhecimento deve ser compreendido como um período integrado a toda a existência vivida, na qual a velhice recebe diferentes significados em relação à vida inteira das pessoas” (MINAYO, 2002, p.184).

No desenvolvimento da pesquisa observamos uma pequena produção bibliográfica sobre o envelhecimento no campo, em alguns materiais estudados :

Constata-se que, apesar do avanço tecnológico, ainda em muitas regiões os velhos são os transmissores de conhecimento, que estão passando através dos tempos, de geração a geração, em relação à saúde, alimentação, trabalho, habitação, hábitos de lazer (canto, música, dança e jogos) num verdadeiro processo de ensino-aprendizagem. Além disso, mantêm hábitos, costumes, religião de seus antepassados. (SCHON, 2000, p.166)

Neste processo de construção histórica, cultural e social, percebemos que os idosos constituem alguns elementos fundamentais para a perpetuação da humanidade, que vai principalmente desde sua memória até, por que não, a própria identidade do povo.

Logo, o interesse pelo tema fez com que problematizamos esta visão, e trouxéssemos essas ideias para o debate nos movimentos sociais, em específico o MST. Proporcionando, assim, um número maior de sujeitos a discutir este tema.

Assim, com esta intencionalidade em seguida trabalharemos o trabalho dos idosos na educação do campo popular.

## Qual o trabalho e o papel dos idosos/as dos Movimentos Sociais na Educação Popular do campo?

Ao desenvolvermos a pesquisa fomos construindo uma leitura de quem são esses sujeitos idosos e idosas do campo e de como vivem, e a partir disso os vemos como seres sociais, concretos, históricos, animadores, comunicadores, contadores de histórias e de suas experiências, sujeitos homens e mulheres, seres humanos inacabados e inconclusos, seres de contradição.

Transformar o que se estabeleceu e se estabelece como um modo de ser idosos, ser velhos, ou seja, que aos envelhecer nos aposentamos como se estacionássemos, como se deixássemos de serem produtores de história.

Isso se explicita nas visões abordadas.

Nas sociedades ocidentais, o envelhecer está intimamente ligado à questão da interdição dos velhos. Mesmo quando a velhice não está associada à pobreza e à doença, tende-se a encará-la como um problema, um período dramático do ciclo da vida. [...] A velhice, assim, nas sociedades capitalistas, passa a ser encarada como um problema, pois, no fundo, o que não é valorizado é o próprio homem. O idoso é apenas a explicação dessa contradição (VIDAL, 2005, p, 26).

Outra compreensão aparece como: “A velhice em sua maioria é considerada um problema” (Barros, 1998, p.117). “A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso do qual é indecente falar”. (Beauvoir, 1970, p.6). Elas expressam suas concepções sobre a velhice.

O que é ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não exista para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor (BOSI, 2004 p. 18).

O desafio está em compreender o sentido de experiência, e junto com os idosos sermos os educadores dessa e das novas gerações. Desenvolvendo um trabalho de “ombro a ombro” de aprendizagens, de saberes e de diálogos compartilhados. Temos uma dívida histórica e cultural com todos os idosos.

Consideramos que os idosos/as tem uma função social por excelência na cultura.

[...] uma das funções sociais dos velhos é recordar, ou seja, reconstruir o passado a partir de um olhar do presente. Considerando o ato de lembrar é fundamental na resignificação da própria vida e também do reconhecimento de si, buscamos investigar as lembranças dos velhos sobre o mundo do trabalho na infância e quais as características atribuídas a esse universo (BOSI, 2004).

Trabalharmos incansavelmente com um rigor, para mudar a crueldade social em que historicamente vivemos e que os colocam e nos colocam dentro da relação de valor de uso e troca, da contradição central entre capital e trabalho. Não os jogar no isolamento, em locais inadequados, ao contrário, construir espaços de aprendizagem e socialização desse saber, desses conhecimentos, dessas experiências, dessa história. Contar suas histórias, dignamente compartilhar suas experiências, se permitir brincar e rir de situações antes vivenciadas como tensas e difíceis pode ensinar as dimensões do tempo e das temporalidades, num ensino-aprendizagem que independe da idade, "SER" idoso/a é ser sujeito, ser capaz, ser em possibilidade.

## Considerações finais

"O ser humano, nas várias culturas e fases históricas, revelou essa intuição segura: pertencemos à Terra; somos filhos e filhas da Terra; somos Terra. Daí que homem vem de húmus. Viemos da Terra e a ela voltaremos. A Terra não está à nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Temos a Terra dentro de nós. Somos a própria Terra que na sua evolução chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e de veneração. Numa palavra: somos a Terra no seu momento de auto-realização e de autoconsciência."  
BOFF, Leonardo.

Os estudos sobre envelhecimento nos movimentos sociais do campo nos possibilitaram uma leitura e uma compreensão sobre envelhecimentos e idosos e idosas do Movimento Sem Terra, desvelaram elementos dessa fase de vida que a própria organização do MST precisa se apropriar ainda mais.

A realização desse ensaio é importante, principalmente, para que o mesmo possa ser instrumento tanto para MST como para a sociedade, para que ambos, possam inserir



esta singularidade quando se trabalhe com idosos e idosas do campo, pensando o que eles/as podem contribuir na construção de diferentes práticas sociais, como a cultura popular, a contação de histórias, o papel de guardiães da biodiversidade, enfim, os valores, a memória e história do povo e das lutas sociais.

A luta social começa a fazer parte da vida dos idosos que no desenvolvimento de sua experiência no MST passam a fazer sua história e constroem uma união e, assim, se constituí coletivamente a força para atingir seus objetivos.

O MST além de ser este espaço de tomada de consciência, é também um ambiente de construção de lideranças, isso se constitui nos espaços de participação, ou seja, o núcleo, o enfrentamento com a polícia ou com o governo. Estes se constituem a partir da prática social. Essa prática social além de gerar reflexão, traz consigo uma nova postura frente ao mundo e frente às coisas, ou seja, eles produzem uma práxis entendida aqui como: “[...] Ação dos homens frente à matéria e a criação de uma nova realidade humanizadora” (VÁZQUEZ, 2007, p.265). Tudo isso faz com que estes assumam um compromisso com a luta e passem a cultivar uma nova identidade não mais de sem – terra subordinado, mas de Sem Terra sujeitos de seu processo histórico.

O MST é um espaço educativo, pois nele, os sujeitos idosos/as puderam apreender a lutar em conjunto por seus objetivos. Também puderam mostrar à sociedade que é possível a partir de relações sociais construir formas de organização social.

[...] O Movimento é uma mudança na vida da gente. É a entidade assim que transforma este país [...] verdadeira vida, ser humano mesmo, essa política que tava aí atrás aí pra nós não serve [...] O Movimento foi em busca de uma nova vida prá nós, que o Movimento é nós mesmo. Uma nova sociedade tamo criando aos pouco e aos poucos estamos arrancando do governo. (João - 60 anos)

Por isso, estudarmos os idosos da antiga Fazenda Anoni nos permite trazer a tona para o conjunto da sociedade a importância que há em estudar o envelhecimento nos movimentos sociais, pois a partir dos idosos também podemos analisar o movimento das relações sociais, suas contradições, e, principalmente, nos leva a fazer uma interpretação da realidade concreta.

Assim, concordamos com Bosi (2004, p.18), ao falar sobre os idosos e idosas, que eles/as, “são passados que se conserva e presente que se prepara [...] os velhos são guardiões do passado [...] a função social do velho unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir.” Foi por este motivo que se escolheu esses idosos e idosas. Estes permitiram unir o que foi com o que esta sendo e assim podemos trazer essa compreensão para sociedade e problematizar o momento presente e seus movimentos.

## Referências

- BARREIRO, J. **Educação Popular e Conscientização**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BARROS, M M L de (org.) **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 1 ed, editora, Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BEAUVOIR, S de. **A Velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. v.1.
- \_\_\_\_\_. **A Velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. V 2.
- BOFF; L. **Saber Cuidar. Ética do humano -compaixão pela terra**. Vozes: São Paulo, 1999
- BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. Editora: Ateliê Editorial. São Paulo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CALDART, R S. **Escola Pedagogia do Movimento Sem Terra: É Mais que Escola**. Editora Vozes. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAMARANO, A A. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. IN: FREITAS, E V de, et al (org). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002 p.58 – 71.
- CAMP (org.). **Educação e Trabalho. Educação popular e movimentos sociais**. Porto Alegre: Agência de Arte, 2007
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Política e Educação : ensaios** 5. ed São Paulo, Cortez, 2001.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 1ed. Artmed: Porto Alegre, 2006.

MACHADO, A. A. Disponível em: <http://ocanto.esenweiseu.net/destaque/machado.htm>. Acesso em 19 de set. de 2012.

MARX, K. **O Capital. Crítica a economia política**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. l. 1, v. 1.

\_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MÉSZÁROS, I. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, M C de S, JR COIMBRA, C E. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST. **Como Fazemos A Escola de Educação Fundamental**. Caderno de Educação N° 9. 4 Ed. São Paulo, 2004.

PALUDO, C. **Educação popular em busca de alternativas: Uma leitura desde o campo Democrático e popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PIRES;M F de C. **O materialismo histórico dialético e a Educação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf> acesso 28/04/14

PNDA.2006.<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/brasilpnad2006.pdf> acesso em 20 de abr. de 2008

SILVA, K M. da. (et al.) Envelhecimento: Conhecendo a vida de homens e mulheres do campo. IN: CALDART, R S; PALUDO, C (Org.). **Como se formam e se educam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, crianças e educadores**. Brasília: PRONERA, 2006.

\_\_\_\_\_. **Maria, Maria: Uma lutadora do Povo**. IN: WOORTMANN, E F.; LOPES, A L. (Org.). Margarida Alves II Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero. Brasília: MDA, 2007

\_\_\_\_\_. **A Vida de uma Lutadora: o Enraizamento da Experiência da Sem Terra Maria Siqueira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Veranópolis, 2004 (mimeo).

SCHON, C R; PARMA, L S. Conversando com Nara Rodrigues sobre Gerontologia Social. IN: **Algumas considerações sobre o envelhecimento no meio rural na região sul do Brasil**. Editora, UPF, Passo Fundo, 2000.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**. 3º edição Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

TRIVIÑOS A S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

VARDÉRIO, A; BORGES,(et al.). **A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A EDUCAÇÃO POPULAR**

**Disponível em:**

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1662/185>**acesso dia 10/03/14**

VÁZQUEZ, A S. **Filosofia da Práxis**. Coleção Pensamento Latino Americano. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VITAL, D S. **Afetividade e Prática docente com idosos**. São Paulo: Setembro, 2005.